

Nos 19 meses que se seguem ao golpe-militar de 25 de Abril, Setúbal vai viver momentos únicos, entregando-se incondicionalmente à Revolução. A cidade constitui-se num espaço privilegiado das aspirações emancipatórias do movimento popular. A urgência em resolver os múltiplos problemas da vivência urbana e a melhoria das condições de trabalho nas empresas desencadeiam numerosas formas de ação, intervenção e organização.

A constituição de Comissões de Moradores e de Trabalhadores, os frequentes Plenários das empresas, as sucessivas vagas de ocupação de casas, as greves “selvagens” dos primeiros dias após Abril, a realização de Assembleias Populares, as massivas manifestações de trabalhadores e de vários sectores da população setubalense constituem expressões de afirmação e organização de um “poder popular” que marca o quotidiano da cidade nos primeiros meses depois do golpe de Estado em 25 abril de 1974.

(...)

O Movimento Democrático de Setúbal, um espaço frentista que incluirá todas as forças de esquerda, surgirá poucos dias depois. Através desta estrutura o PCP/MDP tentará, de algum modo, liderar a força popular que saía do golpe e, do mesmo modo, integrar a ação dos jovens do Círculo Cultural.

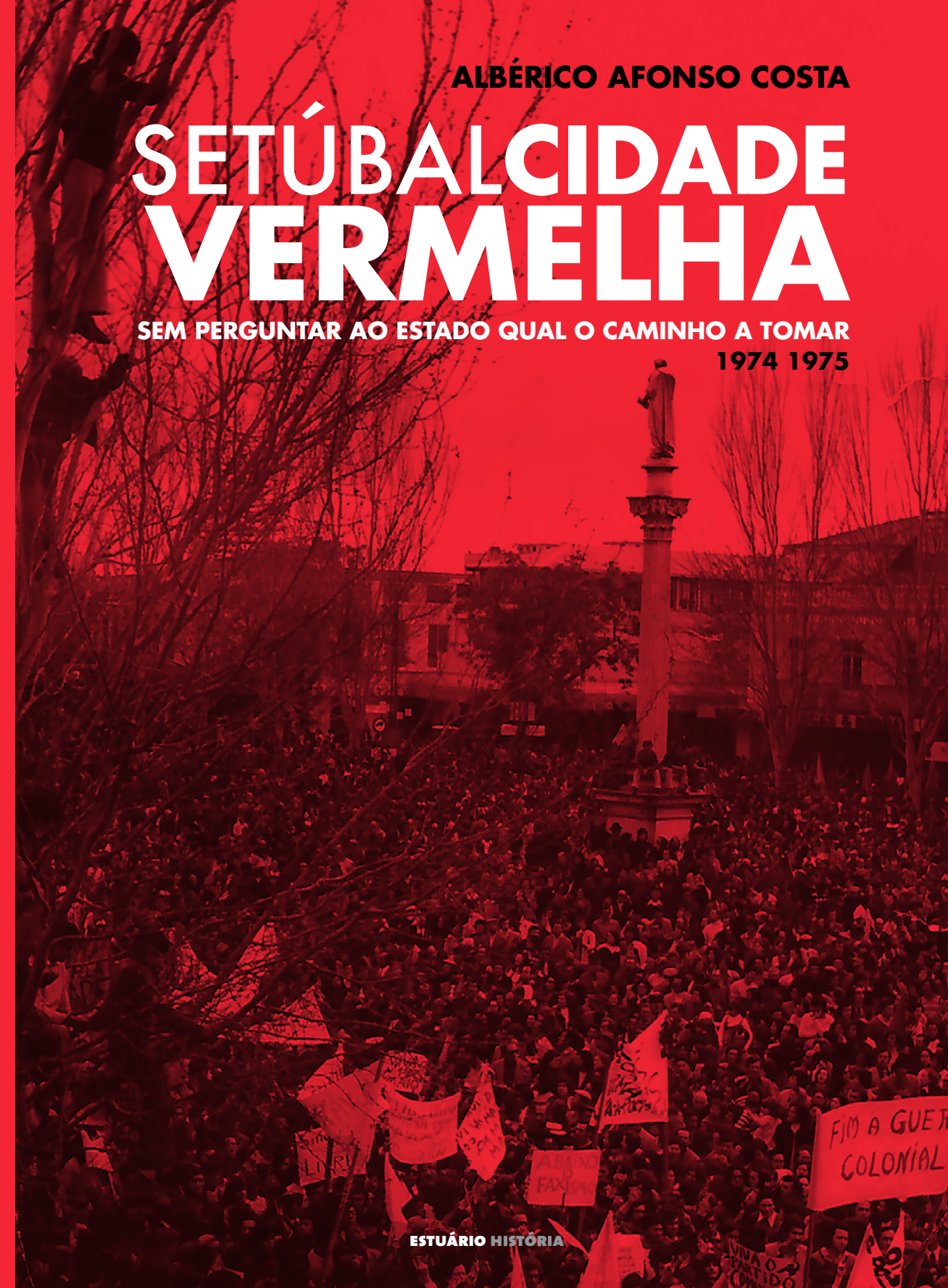
(...)

A conflitualidade social, existente na cidade de Setúbal, será atravessada por disputas ideológicas e partidárias numa incessante competição em que se joga a liderança dos diferentes processos de luta. Joga-se a hegemonia e o controlo político. Os órgãos de “Poder Popular”, que vão proliferar na paisagem política destes meses de brasa, serão simultaneamente campos de batalha e escolas de intervenção. A experiência inicial e fundadora de fazer uma assembleia e aí tomar a palavra em público pela primeira vez, a possibilidade de intervenção livre, o cotejo de diferentes ideias, são situações que configuravam ensaios para aprendizagens democráticas. São espaços de grande encontro e desencontro, espaços de realização perpassados por tensões que as diferentes análises propiciavam.



SETÚBAL CIDADE VERMELHA 1974-1975

EM



ALBÉRICO AFONSO COSTA

# SETÚBAL CIDADE VERMELHA

SEM PERGUNTAR AO ESTADO QUAL O CAMINHO A TOMAR

1974 1975

ESTUÁRIO HISTÓRIA



Fotografia © António Correia

**ALBÉRICO AFONSO COSTA** é historiador, Professor Coordenador na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. É também investigador integrado do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorado em História Contemporânea, na especialidade de História Cultural e das Mentalidades, pela F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa, tem colaborado e coordenado projectos na área da História, Formação de professores e Formação Profissional. Tem vários trabalhos publicados nestas áreas de investigação. É diretor da Revista Medi@ções da Escola Superior de Educação de Setúbal. Publicou, entre outros, os livros *A FPA, A Fábrica Leccionada – Aventuras dos tecnocatólicos no Ministério das Corporações* (2008), *Roteiro Republicano de Setúbal* (2010), *História e Cronologia de Setúbal (1248-1926)* (2011), *Salazar e a Escola Técnica* (2011), e *Setúbal sob a Ditadura Militar (1926-1933)*, 2014.